

Entrevista com Jair Rodrigues

Site Poucas e Boas da Mari – <http://www.poucaseboasdamari.com>

Por Mari Valadares – MTB: 43.155/SP

01. Jair, vamos fazer uma viagem no tempo. Voltaremos a 1966, 40 anos atrás, em que a música “Disparada” de Geraldo Vandré e interpretada por você, ganhou junto com a música “A Banda”, de Chico Buarque, o II Festival da MPB da TV Record. Esse empate marcou a história dos Festivais. Havia um boato que o verdadeiro resultado dava a vitória para “A Banda” e que Chico tinha se negado a receber o primeiro lugar sozinho. Fale um pouco sobre isso.

Gozado, viu Mariana? Na época eu não fiquei sabendo disso quando estava lá. Só me chamaram e falaram: “fica aí, que você foi para a final” e chamaram o Chico e falaram a mesma coisa. Aí apresentaram o quinto, o quarto, o terceiro lugar, que fui eu também, né? Eu estava defendendo duas músicas, “Canção para Maria” (Paulinho da Viola e Capinan) e Disparada (Geraldo Vandré e Théo de Barros). Foi aquele empate, aquela coisa maravilhosa. Achei super legal, foi a mãe dele, foi a minha mãe, eu abracei o Chico, todo mundo se abraçou e foi bom pra todos. E agora, mais recente, eu li o livro, acho que do Zuza Homem de Mello e ele comenta sobre isso, que o Chico falou que não entraria no palco para receber o prêmio sozinho, que aquilo ia dar merda. Os jurados queriam a vitória da música “A Banda” e o povão queria a “Disparada”. Para a minha felicidade, eu tenho um amigo que se chama Rubinho, um dos componentes dos “Originais do Samba”, que me deu uma fita de vídeo daquele tempo dos festivais. Quando vi, não sei, me confundiu mesmo, não sei se o Chico falou aquilo, lá na fita não está isso não. Lá na fita está o Randall Juliano dizendo: “E agora vamos chamar o primeiro lugar, o Jair Rodrigues, que defenderá a ‘Disparada’ e o Chico Buarque, que defenderá ‘A Banda’, as duas em primeiro lugar.” É isso aí.

02. Entrevistá-lo e não falar de Elis Regina é impossível. Foram anos de convivência.

Eu gosto, porque Elis e Jair e Jair e Elis, nós fizemos na época o programa O Fino da Bossa e acho que uns dois meses antes do programa, a gente fez um show juntos, eu, ela e o Jongo Trio, no teatro Paramount dia 8, 10 e 11 de abril de 1965. Daquilo foi transformado em disco, que vendeu para mais de 1 milhão de cópias. Então, tem quem falar mesmo. Acredito que enquanto ela vida teve, também era muito difícil falar de Elis e não falar de Jair.

Como citado, vocês apresentaram o famoso programa musical “ O Fino da Bossa” (65), na TV Record, que durou quase três anos e lançaram os discos intitulados “2 na Bossa”. Mas vocês tinham medo dessa parceria virar dupla, pois tinham a necessidade de seguir suas carreiras solos. Esse foi o maior motivo para o “fim” da parceria?

Quando a gente entrou para apresentar o programa, a gente entrou de cabeça. Era Jair e Elis, Jongo Trio e mais convidados: Jorge Ben Jor, Wilson Simonal, Peri Ribeiro, Claudete Soares, Cláudia, Maria Odete. Era um programa feito em prol da música popular brasileira. De repente alguém sentiu que a gente estava virando dupla e os empresários... A Elis tinha o dela, o

Marcos Lázaro, e eu tinha os meus, a dupla já falecida Venâncio e Corumba, depois o Venâncio não agüentou as tantas viagens e ficou só o Corumba. Os empresários conversaram, porque nós tínhamos nossa carreira solo. Muito antes do Fino da Bossa, muito antes de Elis, muito antes de Disparada, eu vinha de um sucesso estrondoso de 1964 e até hoje, se eu não falar e depois cantar essa música, não fiz o show, que é “Deixa que digam, que pensem, que falem, deixa isso pra lá...”, de Alberto Paz e Edson Menezes. Elis estava vindo de um festival de 1965, com a música de Edu Lobo e Vinícius de Moraes, “Arrastão”. E aquilo começou a atrapalhar os empresários a vender nossos shows separados, os caras não aceitavam Jair sem Elis e vice-versa. Quem estava sendo prejudicado eram os empresários. E a gente por um lado também, porque de qualquer forma tínhamos nossas contas para pagar e só aquele dinheiro do contrato do Fino da Bossa, no fim da TV Record, não dava. Esse negócio de dupla foi ficando chato, mas também não foi a gota d`água. A gota d`água é que a gente começou a viajar lá para fora, tivemos em outros países, como Portugal, a gente foi fazer um show no “Casino Estoril”, África – Luanda e Angola. Quando a gente chegava ao Brasil, tinham outras duplas apresentando O Fino da Bossa. Então, o público começou a não ir, pois queriam ver Elis e Jair. Quando um programa é feito com uma pessoa, duas ou um monte, o pessoal acostuma e o povo estava acostumado, queriam ver Elis e Jair, Jair e Elis. E o programa foi decaindo na audiência, não de qualidade, porque lá era um caldeirão de qualidade.

Começou a concorrer com o programa do Roberto Carlos, né? O Programa da Jovem Guarda.

É, tinham essas concorrências. Houve outros programas, ficou dividido e isso não foi bom para o Fino, que começou a ter quedas de audiência, quedas de 70, 80%.

Você acha que hoje um programa do estilo do "O Fino da Bossa" daria certo na programação da televisão brasileira?

Tenho certeza absoluta que daria, porque tem uma nova geração sem espaço para mostrar o trabalho. Cito os meus filhos, o Jairzinho e a Luciana que estão sem espaço. Você quase não os vê na televisão. Só tem aquela programação de fofoca, uma programação horrível. E as músicas deles que tocam no rádio, AM e FM? Tem pouquíssimas, a maioria toca na madrugada, horário que ninguém ouve e durante a programação diária só fofoca, violência, baboseira. Por isso, não só do tipo do Fino da Bossa, mas um tipo de programa democracia geral musicalmente. Já me convidaram tantas e tantas vezes para fazer um programa específico: um só de samba, ou um só sertanejo, ou só... Graças a Deus, eu tenho uma linhagem de discos assim de todas vertentes da música brasileira. Eu digo que não quero fazer programas específicos. Democracia geral! Todo mundo! É a música, né? Vem lá do norte, vem lá do sul, vem lá de fora, canta isso, canta aquilo, fica tudo bem. Então, está precisando realmente desses musicais, para que esse pessoal do rádio pense mais um pouquinho, porque não é possível dizer: “o público gosta disso...” Gosta “coisíssima” nenhuma! Eles querem empurrar essas porcariaças no ouvido do pessoal.

03. Já que você falou de suas vertentes... Sua carreira como cantor vai do samba a bossa nova, da seresta ao chorinho, do samba enredo a músicas de festivais, do sertanejo ao rap. Você incorporou ao seu trabalho quase todos os estilos musicais que a música brasileira tem. De onde vem essa versatilidade? E qual estilo que te deixa mais à vontade?

Essa versatilidade veio da noite. Eu não surti de uma hora para outra, antes de gravar o primeiro disco, antes de aparecer na televisão, no rádio, eu cantava na noite, fui crooner. Na noite você canta com orquestra, você canta com violão e voz, com piano e voz, canta só com quarteto, trio, de todo jeito. E você está cantando, vêm pessoas lá e fazem pedidos de músicas que te deixam de cabelo em pé. Não é o meu caso, né? (rs) Eu não tenho cabelo em pé. (rs) Mas eu fazia o seguinte: quando um freguês pedia uma música que eu não sabia, eu dizia: “Você volta aqui amanhã, que eu canto essa música para você, não quer ouvir outra?”. Aí ele dizia outra que eu conhecia e se ele dissesse alguma que não conhecia de novo, dizia que ia aprender também. Então, é isso. Eu vim dessa forma. Cantei tudo, tudo. Eu não sabia nem inglês, mas a gente ficava olhando no papel e cantava (rs). Aquele “portu inglês”.(rs) E o ritmo que mais me deixa feliz... Fico feliz com todos, mas o que está mais dentro de mim é o ritmo de samba. As primeiras vezes que eu fui ao exterior, notei que o samba, aquele samba rasgado, tipo “Aquarela do Brasil”, “Tristeza” e “Boi da Cara Preta”, aquele sambão, tipo sambas enredo... A gente tem vários estilos de samba: samba estilizado, samba bossa nova, samba sambão, samba médio, samba puro, feito de cavaco, surdo, pandeiro, tamborim, enfim... Sempre que fui para o exterior, que a gente começava a cantar, via que já aparecia à brasilidade. Bandeiras do Brasil, gente vindo de todos os lados cantando. E não só por isso, mas também, quando eu cantava na noite o ritmo que mais cantava era o samba mesmo.

Comparando o Brasil com países do exterior, você sente diferença na aceitação da música popular brasileira?

Olha, voltei do exterior há quase um mês (teatro do Châtelet, em Paris). Estive com 57 artistas, entre músicos, bailarinas, capoeiristas, cantores: Elza Soares, Alaíde Costa, um cantor muito bom do Rio, Marquinho Santana, sob a regência, direção e produção de um grande, chamado Cláudio Segovia e fomos mostrar a música brasileira na sua essência, desde 1920, até antes um pouco. Notávamos que o pessoal está acostumado com “auê”, mulatas, desculpe, de bumbum de fora, de peitão caído (rs), fazendo a graça do gringo. Tinha gente que levava confete e serpentina, achando que aquilo seria um “bundalelê” e quando entrávamos no palco, eles viam que não era isso. Então, a gente percebe, que a música que acontece lá fora, não é axé, não é pagode, não são essas que estão tocando agora. Não! Ainda tinha Alaíde Costa para cantar bossa nova, como “Chega Saudade”, a Elza, eu cantando os meus sambas. Essas músicas dos “tempos do Zagaia” quem as plantou lá foi Carmen Miranda, João Gilberto com a bossa, Agostinho dos Santos, meu ídolo eterno e muitos outros. Sempre notei que são essas músicas que pode se cantar tranquilamente lá fora. Não se trata de saudosismo, se trata das qualidades, que essa nova geração está fazendo e o que falta é esse espaço, para que outras músicas possam acontecer lá fora. Por enquanto, nada acontece.

04. Você já trabalhou com seu filho; o músico, compositor e cantor Jair Oliveira. Ele fez composições e produções para seus trabalhos. Mas essa parceria não fica só com o filho. Você gravou também com sua filha, a cantora Luciana Mello, no cd Alma Negra (2005) uma faixa que leva o mesmo nome. A relação “pai e filhos” é esquecida durante a produção dos trabalhos?

Antes de eu ter trabalhado com os dois, os dois já trabalharam comigo. De repente Deus deu esse talento para os dois, o dom de cantar. Às vezes o cara tem a mania de dizer: “eu não canto, mas quando vou aprender cantar...”. Cantar não se aprende, se desenvolve. Tem um

negócio de entrar em escola para aprender a cantar. Que isso? Aprende-se como dizer, como respirar, mas se você não tiver voz, não tiver “queda” não adianta. Escola não adianta nada. Você aprende música, né? Música você aprende na escola e de repente Deus esse dom pra mim e para eles. Primeira vez que o Jairzinho gravou foi uma música chamada “Deus Salvador”, nos anos 80. A primeira vez que a Luciana gravou foi uma música chamada “Filho do Seu Menino”, também nos anos 80. Quem cuidou deles foi praticamente a Clodine, do nascimento até uns 2 anos. Agradeço a Deus todo momento da minha vida, porque é uma coisa muito difícil quando você não pode estar sempre junto com os filhos. Quem viaja muito, como é meu caso, fica difícil. Aí, quando eles começaram a falar, a gente saia junto, viajava juntos, eles começaram a cantar e eu pude dar um pouco de educação também, conselhos. Pedia para os dois, meninos ainda, me anunciar e eles diziam: “Senhoras e senhores, boa noite, com vocês o meu pai, Jair Rodrigues”. Maravilha, né? Hoje, nada atrapalha, eles têm a carreira deles. O Jairzinho não teve aquela queda de fazer as mesmas coisas que eu faço, a Luciana faz diferente do Jairzinho. Eles têm voz própria. Onde quer nesse mundo de Deus que você ouvir a voz da Luciana, você sabe que é ela. Ela teve a felicidade de se livrar da presença de outras cantoras na voz dela e o Jairzinho também. Ficamos um determinado tempo sem fazer nada juntos e às vezes eles faziam shows e me convidavam. Eu fui deixando de lado isso para não ficar aquele negócio: “Só a família”. Deixa-os fazerem o trabalho deles, cada um faz a tua carreira. Agora a gente canta e faz show juntos, porque não vai ter aquilo: “Filhos do Jair Rodrigues”. Cada qual com o seu talento. Tem gente que fala: “Luciana Mello é sua filha?” eu pergunto o porquê e eles dizem: “Porque é diferente, ela assina como Luciana Mello, não usa Rodrigues” e eu falo que Mello vem da mãe, a Clodine.

Tanto que o primeiro cd da Lú, ela usava o nome Luciana Rodrigues.

Pra você ver que ela não gostou, não por causa do nome, mas porque foi baseado naquilo que faço e não era bem a praia dela. Achei a Luciana super bacana, porque mesmo as músicas que ela não é muito afim, ela gravou. Hoje, se não é um tipo de música que ela não queira gravar, ela não grava. Ela já foi convidada tantas vezes para gravar coisas mais “popularescas” e ela não aceitou. Tanto ela, quanto o Jairzinho.

Você dá palpite no trabalho deles e vice-versa?

Com certeza! Não é palpite, a gente conversa. A Luciana fala: “Pai, por que você não grava...?” Ela escuta e dá a sugestão para eu gravar. Daí eu falo: “Então, você não sabe, porque eu já gravei.” (rs) Eu tenho 44 discos, né? Aí, ela vai mexer nos meus discos e acha. E eu faço a mesma coisa. Às vezes eu pego uma música antiga, música de outras cantoras e mostro para ela.

05. Em uma entrevista a revista Veja (outubro de 2005), o cantor Fagner elogia a Luciana, quando perguntaram a ele qual filho de artista, que seguiu o mesmo caminho dos pais, que ele admirava. “A filha do Jair Rodrigues é fantástica. Ela canta bem e é linda”, disse.

E não é verdade? E não é verdade? (rs)

Com certeza! (rs)... Anterior a essa pergunta, apesar de dizer que ela é uma gracinha de menina, o cantor critica a cantora Maria Rita, filha de Elis, dizendo que o maior apelo dela é

a mãe. Não só Fagner, mas outros críticos dizem a mesma coisa sobre Maria Rita. Qual a sua opinião sobre isso?

Eles mesmos que criaram a Maria Rita desse jeito. Quando a Maria Rita veio aqui em casa a primeira vez, ela nem cantava ainda, disse que estava fazendo jornalismo. Eu até brinquei com ela: “Por que você não canta?” e ela me disse que não queria, para não ser a “filha de...”. Quanto menos espero, ela está se lançando como cantora, eu vou ouvir o disco, tudo parecido com a mãe. Se a mãe estivesse viva gravaria, o mesmo estilo, os mesmos autores. Alguém enfiou aquilo na cabeça dela e acho que imatura, acabou entrando nessa. E eu percebo que ela tem “uns quês” de coisas dela, sem ter que ter ido para o lado da mãe. No show que fui assisti-la cantando, foi no lançamento do primeiro disco. Eles mesmos criaram, por que tem que criticar? Hoje, eu noto que ela está querendo sair fora de tudo isso, mas está difícil, porque a curiosidade do povo em relação ao primeiro disco foi aquela coisa e os caras iam não para ver a Maria Rita e sim, para ver a filha da Elis. E ela entrou naquela de cantar tudo igual, até o gestual da mãe. Eu fico com pena, porque ela tem um grande potencial de voz e tem tudo para poder sair. É só mudar o repertório, gravar coisas lindas maravilhosas que tem por aí e fazer outro tipo de show. Eu soube que o Lenine estava produzindo o segundo disco, depois que ele viu que estava sendo igual de novo, ele deu uma saída. Mas quiseram que ela fizesse um disco na mesma base do outro, porque vendeu. Vendeu porque havia curiosidade. Eu gosto da Maria Rita cantando, ela tem muitas qualidades. E ela não é igual à mãe, ela é muito mais tímida, do que era Elis. Elis era uma mulher que não tinha papas na língua não, ela falava mesmo o que ela achava. Só havia um respeito mútuo entre a gente muito grande. A gravadora quer uma coisa, ela quer outra, está aquele impasse. Acho que a gente não deve criticar, vamos ajudá-la, né? Se ela fizer tudo diferente da mãe, ela não será lembrada como a filha da Elis. Claro que de qualquer forma vai ser lembrada, porque é filha. (rs) Essa imaturidade com o tempo ela vai perdendo e com o tempo vocês terão uma Maria Rita mais maravilhosa do que já é.

06. Este ano, você foi homenageado na IV edição do Prêmio TIM.

Eeee beleza! (rs)

De acordo com a sua esposa e empresária Clodine foi a primeira vez que você foi lembrado e que ainda não tinha recebido uma homenagem assim. Jair, você acha que homenagens demoraram a chegar?

Quando eu subi ao palco para receber a homenagem, eu me lembrei da música do Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito: “Sei que amanhã quando eu morrer, os meus amigos vão dizer que eu tinha um bom coração, alguns até hão de chorar e querer me homenagear, fazendo de ouro um violão, mas depois que o tempo passar, sei que ninguém vai se lembrar que eu fui embora, por isso é que eu penso assim, se alguém quiser fazer por mim, que faça agora.” (rs) O povão se levantou e aplaudiu. (rs) Eu e Nelson Cavaquinho, sempre que a gente se encontrava, ele dizia: “O cachorrão, quando for fazer homenagem a você, se fizer homenagem, eu não quero homenagem depois que eu morrer não, que faça enquanto a gente está vivo.” E graças a Deus isso aconteceu. Zé Maurício Machline, que é o mentor do Prêmio Tim, ele sempre falava: “Uma hora vou começar a fazer as homenagens aos compositores, os cantores em vida.” Praticamente eu puxei a corda dos cantores e eu fiquei muito feliz. Emoção

maior igual aquela vai demorar muito. O interessante é que eu estava na Espanha, eu voltei para receber o prêmio e depois fui à Inglaterra. Uma semana depois lá na Inglaterra, os ingleses olhavam e me davam os parabéns pelo prêmio. Não tem nada melhor que receber uma homenagem em vida, com os filhos presentes e com os amigos. Ninguém arredor o pé da festa. Todos os artistas que foram premiados, todos estavam na platéia. Eu falei que ia receber o prêmio e ficar cantando para poucos, mas me enganei. Quando eu subi no palco, olhei a platéia, o teatro Municipal do Rio estava lotado. Eu tenho um amigo, Armando Pittigliani, que foi diretor musical, produtor da Phillips, PolyGram, hoje Universal e ele foi lá e disse: "Parabéns e eu vou dizer até uma coisa. Agora eu acredito que esse país tem memória." Então, tô no céu! (rs)

07. São mais de 40 anos de carreira e mais de 44 discos lançados. O que vem pela frente?

Mais discos, né? A vida da gente é cantar, fazer shows. Eu sei que hoje, por exemplo, eu não dependo de ter músicas tocando ou não. Eu estou em um patamar na carreira, que hoje é só administrar tudo isso. Tem esse pessoal da nova geração que querem saber coisas sobre mim, como é que eu fiz para me tornar o que sou dentro da música. Faço parte dessa coisa bonita que é a música popular brasileira com muita luta. Hoje só administrar. Mas se a gente tiver disco novo, melhor, né?

08. Uma mensagem para os freqüentadores do blog "Poucas e Boas da Mari".

"Gente boa do "Poucas e Boas da Mari", o blog da Mariana, um abraço para vocês. Lêem mesmo esse blog, porque é tão legal quando as pessoas, por exemplo, essa jovem menina bonita está aqui me entrevistando. Falei muita bobagem, mas também falei muita coisa boa, aproveitem tudo isso. Um grande abraço e um beijo em todos vocês. Aaaeee blog bom!!!"